



O TRABALHO PRECÁRIO, VOLÁTIL E INSTÁVEL NO COMPLEXO CELULOSE-PAPEL EM TRÊS LAGOAS (MS)

Guilherme Marini Perpetua

Aluno do mestrado em Geografia da UFGD

Bolsista da CAPES e Membro do CEGeT (UNESP/FCT)

E-mail: geomarini@yahoo.com.br

Resumo: o presente trabalho busca relatar e analisar os verdadeiros impactos da recente constituição do complexo celulose-papel em Três Lagoas (MS) para os homens e as mulheres que trabalham. Neste intento, apresenta, num primeiro momento, o contexto geográfico mais amplo no qual se insere este processo, e em seguida, procura demonstrar que, malgrado todo o alarde político-midiático em torno do pretense desenvolvimento a partir da geração de emprego e renda, a precarização, a volatilidade e a instabilidade são as principais marcas inscritas no tipo de arranjo espacial por ele constituído, extremamente dinâmico do ponto de vista econômico, mas excludente e perverso quando observado pelo viés social. As inúmeras manifestações de revolta e de resistência dos trabalhadores, atuantes na construção civil e da montagem das fábricas, constituem um foco privilegiado para a explicitação das contradições explosivas que emanam do seio do sociometabolismo do capital.

Palavras-chave: produção de celulose e papel; mobilidade espacial da força de trabalho; precarização; Três Lagoas (MS).

Introdução

O fortalecimento e a expansão do chamado “complexo florestal”, e, com especial destaque dentro dele, do complexo celulósico-papeleiro no Brasil, é um fenômeno recente que merece atenção. Nas duas últimas décadas o País despontou como um dos principais produtores mundiais de celulose, e em seu território, o monocultivo de árvores figura como o quarto cultivo em área ocupada. Os índices brasileiros de produtividade e os custos médios de produção da matéria-prima (espécies do gênero *Eucalyptus*) e da pasta de *celulose de mercado de fibra curta branqueada*¹ são incomparavelmente mais competitivos que os de qualquer outro país, o que tem fortalecido os argumentos daqueles que defendem o modelo de desenvolvimento centrado no agronegócio, partindo da ideia de uma pretensa “vocaçãõ natural” do Brasil para o monocultivo de árvores e para a produção de celulose.

No entanto, por trás do dinamismo e da pujança do setor, está, de lado, um processo de transformação estrutural da indústria de papel em escala mundial, que tem

¹ É chamada celulose de mercado a pasta que é produzida em fábricas não integradas à produção de papel, e de fibra curta, quando o seu comprimento fica entre 0,5 mm e 1,5 mm. Esse tipo de celulose serve como matéria-prima, principalmente, para papeis de imprimir e escrever, papeis especiais e sanitários.



implicado a *transferência espacial* das etapas iniciais de sua cadeia produtiva (do plantio de árvores ao processamento da celulose) dos tradicionais países produtores do Hemisfério Norte, para os países periféricos do Hemisfério Sul (SANTOS, 2009; PAKKASVIRTA, 2010; MORELLI, 2011); e de outro, o processo de *interiorização* da indústria de celulose no Brasil, causado, principalmente, pelo aumento do preço da terra nas áreas consolidadas do Centro-Sul (FOLHA DE SÃO PAULO, 04/10/2011)², mas também por fatores como as condições edafoclimáticas, a existência de infraestrutura de transportes adequada e os (generosos) subsídios e incentivos concedidos pelos governos nos níveis estadual e municipal.

Neste contexto, novos e bilionários (mega)projetos territorializam-se, sobretudo em estados e municípios sem tradição neste tipo de atividade, destacadamente nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte do País, monopolizando centenas de milhares de ha de terra e provocando desdobramentos socioespaciais significativos³. Em face disso, o caso da Microrregião de Três Lagoas, localizada a Leste de Mato Grosso do Sul (Figura 1), só pode ser compreendido dentro do panorama das dinâmicas externa e interna da *mobilidade do capital*, enquanto expediente capaz de dar vazão a sua lógica expansionista absolutamente incontrolável, permitindo a superação temporária de suas contradições e antagonismos potencialmente mais explosivos (MÉSZÁROS, 2011).

² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/993589-florestas-avancam-para-novas-fronteiras.shtml>> (acessado em 20/11/2011).

³ Em virtude de fatores como a proporção representada pelos custos com matéria-prima e frete (que juntos, somam quase 60% na composição do custo produtivo total da celulose de fibra curta branqueada) e a elevada escala mínima de produção atualmente recomendada para esse tipo de empreendimento (1 milhão de toneladas/ano) (BIAZUZ; HORA; LEITE, 2010), faz parte das estratégias territoriais das empresas a localização das suas unidades industriais junto às bases de monocultivo, ocupando e mecanizando o trabalho em imensas áreas de terra, as quais, devido a quase absoluta ausência de outras formas de vida além do eucalipto – incluindo-se os seres humanos –, têm sido denominadas de “deserto verde” pelos movimentos sociais e por intelectuais críticos (VIA CAMPESINA, 2006; REPORTER BRASIL, 2011).

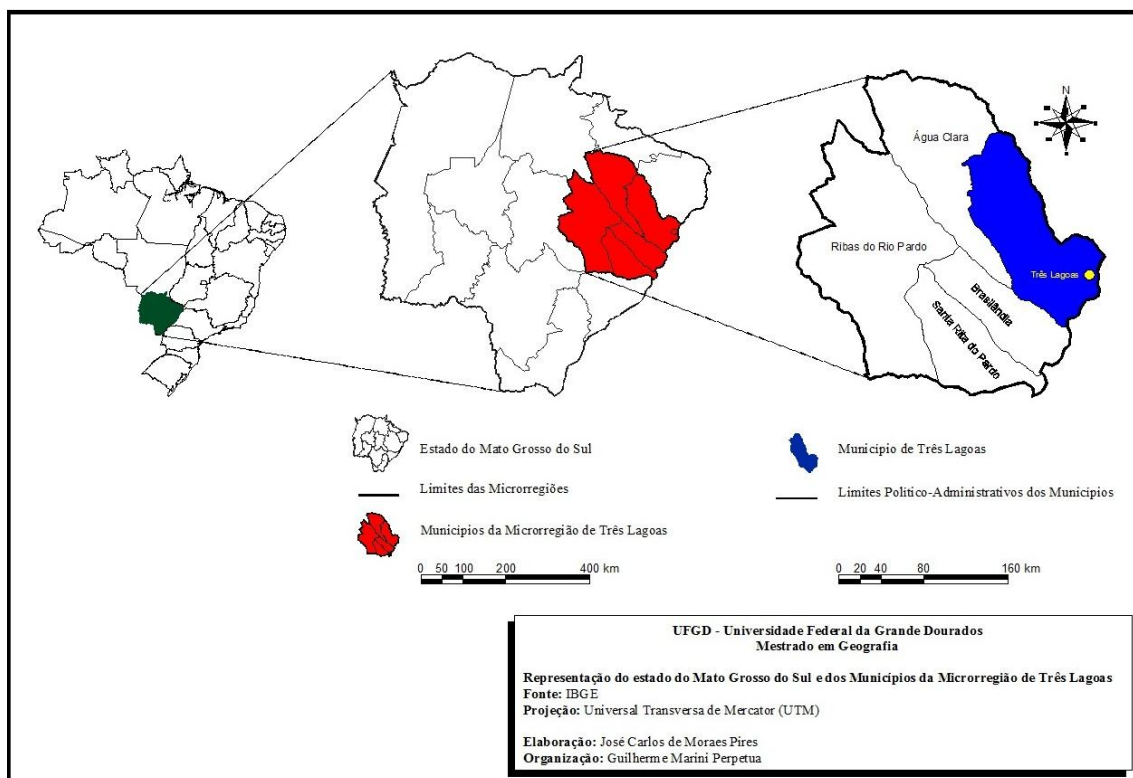


Figura 1 – Localização da Área de Estudo

A partir de 2006, a tradicional região agropastoril foi transformada em um território-alvo das corporações do setor de celulose e papel. Duas grandes empresas, a Fibria Celulose e a Eldorado Brasil, construíram, com grandes aportes públicos via BNDES, as maiores plantas fabris de produção de celulose do mundo na atualidade no território do município de Três Lagoas, integrando-as a bases de monocultivo de eucalipto que se estendem por toda a região. Tal fato fez com que, em menos de seis anos, ela assumisse a dianteira da produção de celulose, tornando-se um importante enclave deste gênero econômico - “a capital mundial da celulose”, como sustenta com ufanismo a imprensa nacional (ÉPOCA NEGÓCIOS, 04/10/2010)⁴. Além destas inversões, uma terceira empresa do setor, a estadunidense International Paper, também instalou fábrica integrada de produção de papel à unidade da Fibria no município.

A vultosidade dos empreendimentos e os milionários esforços publicitários das empresas escamoteiam uma de suas faces mais perversas: a forte precarização do

⁴ Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI177058-16642-6,00->TRES+LAGOAS+CAPITAL+MUNDIAL+DA+CELULOSE.html>> (acessado em 20/11/2010).



trabalho vinculada de forma direta às dinâmicas da mobilidade em seu processo de efetivação. O presente trabalho busca relatar e analisar os verdadeiros impactos da constituição do complexo em questão para os homens e as mulheres que trabalham, demonstrando, a partir do caso de supracitado, que, malgrado todo o alarde político-midiático em torno da geração de emprego e renda, a precarização, a volatilidade e a instabilidade são as principais marcas inscritas neste tipo de arranjo espacial que, extremamente dinâmico do ponto de vista econômico, mostra-se excludente e perverso quando observado pelo viés social.

Mobilidade da força de trabalho e fragmentação dos trabalhadores

A expressão “geração de emprego” tornou-se a fórmula mágica que é propalada repetidamente e aos quatro ventos na nova capital da celulose. Representantes das empresas, autoridades e jornalistas, recorrem sempre ao número de emprego gerados para atestar a viabilidade e a eficácia dos (mega)empreendimentos do setor de celulose e papel na promoção do desenvolvimento local e regional. Em função da sua magnitude, sempre estimada na ordem de milhares de postos de trabalho para cada projeto, causam a sensação de que não há caminho mais rápido (e mais seguro) para solucionar os conhecidos engodos socioeconômicos da Região do Bolsão Sul-mato-grossense⁵. Todavia, ao investigarmos aspectos como o montante investido por emprego gerado, o ritmo da geração de emprego e o seu caráter, assim como sobre quem, de fato, dele se ocupa, uma face oculta do processo começa a ser desvelada.

Segundo um relatório divulgado pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas (TRÊS LAGOAS, 2009), enquanto os investimentos para cada emprego gerado variaram entre R\$ 7.500,00 e R\$ 178.541,00, em fábricas de ramos diversos (motores, meias, embalagens, produtos químicos, equipamentos de refrigeração etc.) recentemente instaladas no município, nos casos da Fibria, da Eldorado e da IP, a mesma equação

⁵ A expressão Região do Bolsão faz parte de uma regionalização informal do estado, baseada em valores culturais e socioeconômicos, e sua abrangência aproxima-se a do território da atual Mesorregião Leste de MS. Ela foi cunhada na década de 1960 para expressar o abandono e o descaso por parte do Poder Público estadual, naquele contexto sediado em Cuiabá, e todas as dificuldades socioeconômicas por que passava.

resulta em cifras milionárias, chegando ao extremo de R\$ 14.000.000,00 para cada emprego.

A análise do ritmo da geração de empregos no município (Figura 2), por seu turno, revela um caráter intermitente e cíclico, diretamente relacionado ao período de construção e montagem das plantas.

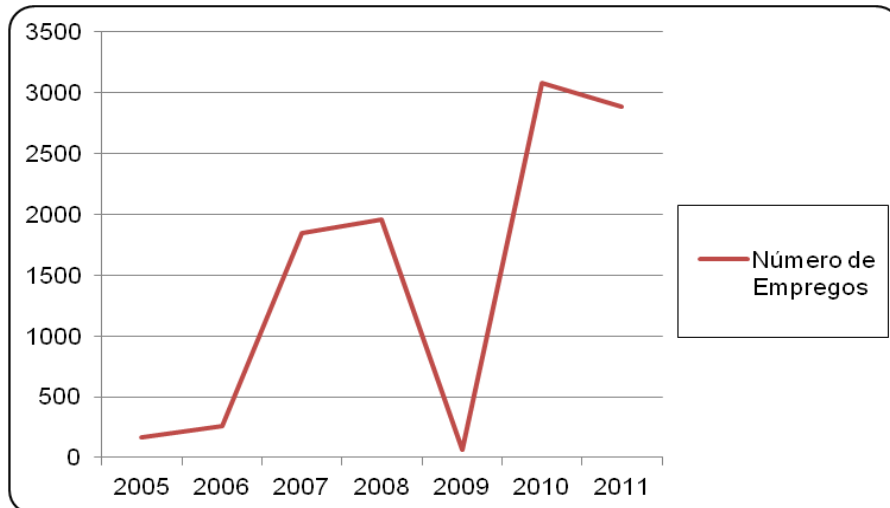


Figura 2 – Três Lagoas: Geração de Emprego (2005-2011)*.

*De janeiro a agosto de cada ano.

Fonte: MTE/CAGED. Org. Autor.

Observa-se claramente a ocorrência de dois períodos de baixa geração de empregos, o primeiro entre 2005 e 2006 e o segundo representado pelo ano de 2009, intercalados por períodos de pico, entre 2007 e 2008 e entre 2010 e 2011. Não por acaso, pois 2006 foi o ano de início da construção do complexo Fibria-IP e 2010, o da fábrica da Eldorado Brasil. É possível inferir que a maioria dos empregos criados se deu no âmbito da construção civil, e que foram empregos temporários, em função do tempo de duração das obras.

Pode-se concluir, com isso, que mesmo em se considerando apenas o (insuficiente) quesito quantitativo da geração de empregos, os complexos agroprocessadores em questão não cumprem a promessa a eles creditada. Na realidade, com bem menos recursos e com menores impactos socioterritoriais, outros tipos de indústria poderiam trazer melhores resultados.

A chegada das fábricas de celulose e papel, como argumentou Jurado (2008), inaugurou uma nova fase da industrialização três-lagoense. Se no primeiro



momento, que se estendeu de meados de 1990 a 2006, houve expressiva geração de postos de trabalho ocupados principalmente pela mão de obra local, no segundo, o que se observa é um aumento considerável dos empregos em alguns setores específicos, mas com incompatibilidade do mercado de trabalho interno. Os sinais mais característicos do novo período são as formas flexíveis (precarizadas) de organização do trabalho no interior do processo produtivo, e a presença de trabalhadores migrantes, a maior parte temporários.

Isso significa dizer que a mobilidade espacial do grande capital monopolista celulósico-papeleiro inserido no atual contexto de concorrência mundial, por motivos análogos, realiza-se em conjunto com a *mobilidade da força de trabalho*, tal como explicado por Gaudemar (1977). Segundo a tese deste autor, o conceito de mobilidade do trabalho designa a natureza específica da mercadoria força de trabalho que permite o uso capitalista das disponibilidades dos homens e da docilidade dos seus corpos. A mobilidade pode ser definida, deste modo, como “[...] a capacidade que permite a força de trabalho adaptar-se às variações da jornada de trabalho, à permutação dos postos de trabalho, aos efeitos sempre crescentes de uma divisão do trabalho cada vez maior” (*Ibid.*; p. 194).

Assim concebida, de acordo com Gaudemar (1977), ela pode apresentar-se em três planos de ocorrência fenomênica. O primeiro é o do *tempo*, enquanto extensão/duração da jornada de trabalho, que permite a extração da *mais-valia absoluta*, predominante nas fases iniciais do capitalismo; o segundo, o do *ritmo/intensidade* do trabalho, ou seja, *da mais-valia relativa*, que se manifesta pelo seu nível de produtividade e é resultado de alterações técnicas e/ou organizacionais no processo de trabalho que permitem o aumento da taxa de mais-valia sem o aumento da jornada de trabalho; e o terceiro, pode ser definido como o deslocamento dos trabalhadores no espaço, perfazendo os fluxos migratórios. Note-se que, em termos gerais, essas três dimensões correspondem essencialmente aos três artifícios dos quais o capital faz uso para perpetuar o seu processo de extração de mais-valia e de acumulação ampliada, driblando as barreiras que se lhe antepõem, bem como o seu próprio caráter cíclico.

Com relação especificamente a dimensão espacial da mobilidade da força de trabalho, através da leitura de Gaudemar (1977), deve-se observar que está intimamente associada às duas formas anteriores, e que também ela nada tem de espontânea ou



natural, sendo produto dos desígnios da acumulação, na medida em que deve atender inteiramente a eles. Segundo Gomes (2009), o processo ocorre à medida que “trabalhadores potenciais são atraídos por novas oportunidades de emprego, impostas pelas condições inerentes à sobrevivência, precisando vender força de trabalho” (p. 41).

Faz-se mister observar que o complexo processo de mutação iniciado na década de 1970, que delineou um novo regime produtivo e de regulação comumente designado “flexível”, “toyotista” ou “pós-fordista” (ANTUNES, 1999), mesmo não desfechando alterações nos elementos essenciais e fundantes do capital, mas tão somente modificações dos mecanismos de seu padrão de acumulação e de geração de valor (ANTUNES, 2011), resignificou a mobilidade da força de trabalho. Nesta moldura a mobilidade espacial foi potencializada pelas novas condições técnicas e políticas, e ressurgiram formas agressivas e brutais de exploração do trabalho (CHESNAIS, 1996), desenhando-se assim um mundo do trabalho cada vez mais precarizado, fragmentado e alienado e, por conseguinte, uma classe trabalhadora mais heterogênea, igualmente fragmentada e diversificada (ANTUNES; ALVES, 2004).

Todos estes elementos são visíveis na produção de celulose e papel na região de Três Lagoas. As fábricas de celulose que aí se instalaram, aproveitando-se do leque de “vantagens locacionais” oferecido (condições edafoclimáticas apropriadas para o cultivo de eucalipto, abundância de água, existência de infraestrutura de transportes multimodal, baixo preço e disponibilidade de terras, estrutura fundiária concentrada, benefícios e incentivos fiscais), são extremamente modernas e a despeito de serem as maiores do mundo, funcionam com poucos trabalhadores, empregados mais no controle do processo produtivo que na produção propriamente dita.

Segundo informações do presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel e celulose de Três Lagoas (SITITREL-MS)⁶, a fábrica da Fibria no município Sul-mato-grossense possui apenas cerca de 360 funcionários próprios⁷, sendo todos os demais terceirizados (subcontratados) pertencentes à dezenas de empresas diferentes que prestam serviço à Fibria. Esses últimos estão distribuídos dentro da própria unidade, em algumas atividades específicas no viveiro de produção de mudas,

⁶ As informações foram concedidas em entrevista realizada no dia 18/11/2011.

⁷ De acordo com o “Relatório de Sustentabilidade” da Fibria (2011), o número total de funcionários próprios da empresa na unidade Três Lagoas chegaria a 897. O relatório não informa o número total de funcionários terceirizados trabalhando na unidade.



na área de cultivo e pelos setores de segurança, alimentação e limpeza. Na área de cultivo, por exemplo, segundo um dos engenheiros responsáveis pela produção, eram 535 funcionários diretos e 1.573 terceirizados em 2010.

A terceirização e até a “quarteirização” ou “quinteirização” são aspectos marcantes e cada vez mais presentes do trabalho nesse tipo de empresa. Segundo o Relatório de Sustentabilidade da Fibria (2011), no ano de 2009, o número total de funcionários próprios da empresa somando-se todas as unidades era 4.749; em 2010, esse número aumentou, passando para 5.037, sendo novamente reduzido no ano seguinte, em que chegou a 4.006. Por outro lado, o número de funcionários “terceiros permanentes” saltou de 9.518, em 2009, para 11.919 e 14.523, respectivamente em 2010 e 2011.

As práticas de subcontratação, é preciso lembrar, são parte da estratégia de redução de custos e de fragmentação da classe trabalhadora levadas a cabo pelas grandes empresas. Como afirma Ricardo Antunes, a terceirização é a verdadeira “porta de entrada para a precarização” (IHU, 21/05/2012)⁸. Nela reside ainda um estratagema poderoso na luta de classes, capaz de enfraquecer o trabalho no confronto com o capital, na medida em que vê seu poder de ação reduzido na busca por melhores condições (BERNARDO, 1997).

Ainda em relação ao “mito” da cidade do emprego, é preciso advertir que embora novos postos de trabalho, escassos e cíclicos, tenham sido gerados com os empreendimentos de celulose e papel, a questão do desemprego extrapola a escala local. Pomar (2001), passando em análise o contexto em que se inserem as estratégias de realocação das megacorporação e seus impactos para os trabalhadores, afirma que “o desemprego não é uma questão ‘local’. Está disseminado nacionalmente. A concentração em pólos tende, pois, a criar paradoxos, atraindo não apenas empresas, mas *massas de desempregados* de outros locais” (POMAR, 2001, p. 27. Grifos nossos).

Assim, a partir do ano de 2006 Três Lagoas entrou definitivamente na rota dos fluxos migratórios internos brasileiros, recebendo um significativo contingente de trabalhadores vindos de diversos pontos do território nacional para ocupar diferentes lugares na estrutura hierárquica de controle do capital. Com isso, como constatamos em

⁸ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/509660-terceirizacao-porta-de-entrada-para-a-precarizacao>> (acessado em 10/09/2012).



campo e nas diversas entrevista realizadas, a mão de obra local, ainda pouco qualificada para o trabalho nas novas plantas fabris, necessitou ser readequada e passou a ser empregada principalmente em certas funções no chão de fábrica, na administração e em serviços paralelos (limpeza, segurança, alimentação etc.), ao passo que um intenso fluxo de trabalhadores migrantes respondeu a demanda da construção e da montagem das fábricas, do plantio e do manejo florestal, e ainda das atividades que exigem alta qualificação técnica, além dos cargos de chefia.

Em parte, observa-se a presença marcante do trabalhador temporário que, partindo de regiões pobres do País, emprega-se em atividades braçais de baixa remuneração com o objetivo de retornar o quanto antes para a sua região de origem e aí melhorar de vida. Os dados de volume, origem e destino dos passageiros da maior empresa de transportes rodoviários que atua em Três Lagoas (Tabela 1) dão prova deste fato.

Tabela 1 – Três Lagoas: Volume de Passageiros Provenientes de Outros Destinos entre 2005 e 2011⁹

Localidade\Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Var. %
Mato Grosso	5.240	5.380	5.103	6.730	8.450	9.002	9.578	82,7
Goiás	8.180	8.390	7.730	8.140	8.920	10.360	11.902	45,5
Minas Gerais	3.105	3.290	4.260	6.340	7.460	8.370	8.401	170,5
São Paulo	9.180	9.260	9.970	10.237	11.465	12.261	12.746	38,8
Distrito Federal	12.208	13.394	11.647	25.568	28.965	32.587	33.852	177,2
Outros estados	6.320	6.980	6.207	9.702	8.970	9.835	10.010	58,3
Outros municípios de MS	50.359	50.985	51.106	58.354	59.205	62.465	68.705	36,4
Totais	94.592	97.679	96.023	118.341	133.435	144.880	155.194	64

Fonte: Viação São Luiz Ltda. Org. Guilherme Marini Perpetua.

Sabendo-se de antemão que grande parte dos trabalhadores sai dos seus estados e municípios e se desloca até Três Lagoas por meio transporte rodoviário, e tendo em mente que a empresa responsável pelo transporte da maioria deles é a São Luiz Ltda. pode-se tomar os dados como um indício para a mensuração dos fluxos e a constatação de sua origem. Note-se que houve aumento significativo no volume de passageiros

⁹ Os dados foram compilados e gentilmente cedidos pelo senhor Antônio A. Bottaro, funcionário da empresa citada, a quem devemos profundo agradecimento.



provenientes de todas as origens (64%) no período em questão, com destaque para o Distrito Federal (177,2%) e o estado de Minas Gerais (170,5%), por serem estes os locais mais próximos do Nordeste para os quais a empresa oferece linhas. O itinerário mais comum efetuado pelos trabalhadores, segundo informações de uma funcionária da empresa, compreende um trecho dentro do próprio estado, do município de origem até um centro urbano maior, de onde seguem até Brasília (DF) ou Belo Horizonte (MG), para daí embarcarem para Três Lagoas.

No outro extremo do processo migratório, embora em menor número, há aqueles que são qualificados, alguns dos quais extremamente especializados em suas funções, e que veem na migração uma forma segura de ascensão social com melhoria qualitativa de suas condições de vida, assim como de sua família. O ato de migrar, obviamente, trará consequências muito diferentes para cada um dos grupos indicados, acompanhando de perto as características relegadas pelo extrato social a que pertencem e pela função que irão desempenhar, aspectos que imprimem diferentes condições de vida e de reprodução de sua força de trabalho na cidade (ou fora dela).

Uma tipologia do trabalhador migrante na produção de celulose e papel

À vista da complexidade do assunto e do fenômeno real em apreço, estabelecemos uma tipologia dos trabalhadores migrantes, considerando-se aspectos como local de origem, ocupação/categoria profissional, nível de qualificação, tipo de vínculo de trabalho, tipo de migração e, por fim, condições de vida e de trabalho no local. Este tipo de análise auxilia na compreensão da própria morfologia compósita e fragmentada da classe trabalhadora nos dias de hoje, e de sua relação com a mobilidade espacial da força de trabalho.

Por meio do procedimento indicado chegamos a três grupos principais:

A. O dos Trabalhadores da construção civil e da montagem das plantas fabris: é o mais numeroso encontrado no complexo e abrange os trabalhadores volantes, ou como são conhecidos, os “peões do trecho”. Dele fazem parte os trabalhadores que atuam na construção e montagem das plantas fabris contratados para ocupar os milhares de postos de trabalho gerados nesta fase dos empreendimentos. Em sua ampla maioria, segundo



14/12/2007)¹¹. Esquema semelhante foi adotado pela Eldorado. Cabe dizer que são esses os trabalhadores que mais padecem com os efeitos perversos e nocivos das novas formas “flexíveis” de arregimentação, organização e controle da força de trabalho no complexo celulose-papel, o que se torna ainda mais problemático em função da aversão que expressam pelas instituições sindicais, repletas de contradições. Portanto, o descumprimento da legislação trabalhista é uma constante estratégica nas obras em que estão empregados, e visa reduzir os custos com capital variável à base da superexploração dos trabalhadores¹². A precariedade de sua condição em Três Lagoas é agravada ainda pelas flagrantes manifestações de preconceito e discriminação que incidem sobre eles, partindo das próprias empresas, do Poder Público local e de alguns setores da população.

B. *O dos trabalhadores do plantio e do manejo do eucalipto*: compreende os trabalhadores que atuam no plantio e no manejo do eucalipto, empregados no preparo do solo, no preparo das mudas, no plantio direto, na pulverização do eucalipto, na aplicação de veneno para exterminar as formigas, dentre outras atividades. Do amplo conjunto de trabalhadores que atuam nas atividades de produção da matéria-prima da celulose, apenas uma parcela é formada por migrantes, sendo outra parte composta por

¹¹ Disponível em: < <http://www.bbcnews.com.br/index.php?p=noticias&cat=21&nome=TrêsLagoas&id=124659>> (acessado em 10/03/2011).

¹² Um documento redigido em conjunto pelos dois sindicatos que representam os trabalhadores (SINTIESPAV/MS e SINTRICOM-Três Lagoas/MS) e pela comissão de trabalhadores das empresas de construção civil do Projeto Eldorado em 2011 lista uma longa série de irregularidades por parte de algumas empresas, dentre as quais interessa destacar: 1) maus tratos aos trabalhadores por funcionários encarregados; 2) não entrega do espelho de pontos e do holerite aos trabalhadores e indisponibilidade da marcação de pontos aos sábados e domingos; 3) não reembolso do valor da passagem de vinda dos trabalhadores de seus locais de origem até Três Lagoas, e de retorno quando de seu desligamento; 4) agenciamento irregular, com contratação em Três Lagoas, cobrança de taxas adicionais pelo agenciador e custeio das despesas com alimentação nas viagens pelos próprios trabalhadores; 5) em relação à folga de campo, negação da permissão para realizá-la e do seu custeio, tempo insuficiente para a sua realização a contento, depósito parcelares dos valores de custeio junto com o salário e sem aviso, pagamento de valores abaixo do necessário para os custos, troca obrigatória da folga de campo por hora-extra ou compensação em dinheiro; 6) impedimento de realização de hora-extra, em alguns casos, com a existência de trabalho por turno; 7) deslocamento até as frentes de trabalho demorado (cerca de 30min) realizado a pé, com o aumento da jornada de trabalho e a redução do tempo de almoço; 8) inexistência de veículos para o transporte dos trabalhadores dos alojamentos até postos de saúde quando necessário; 9) prisões de trabalhadores pela polícia (ROTAI) por motivo de reclamação da alimentação; 10) trabalhadores exercendo funções para as quais não estão registrados; 11) dispensas em massa dentro do período de experiência; 12) falta de tempo hábil para o recebimento do salário nos terminais bancários localizados na cidade; 13) falta de condições mínimas de higiene e espaço necessário para a instalação dos trabalhadores em alojamentos espalhados pela cidade; e finalmente, 14) não pagamento da hora *in itinere*.



trabalhadores que moram nas cidades da região, mas, sobretudo, em assentamentos da reforma agrária. Em relação aos migrantes, muito do que se aplica aos trabalhadores compreendidos pelo primeiro grupo, aplica-se também a esses; a maioria é originária dos estados da Região Nordeste, alguns da Região Norte, e há também uma presença considerável de migrantes provenientes do estado de Minas Gerais; assim como os da construção civil, no período em que permanecem na região ficam abrigados em alojamentos ou repúblicas, sempre distantes do seu local de trabalho; são em geral subcontratados por empresas de plantio que prestam serviço para as grandes empresas da celulose, as quais só empregam diretamente os trabalhadores do corte. O assalariamento no campo é uma característica de setores em que o processo produtivo necessita de pouco tempo de trabalho, ou nos quais o avanço tecnológico permite uma redução do tempo de produção em relação ao trabalho (OLIVEIRA, 1987), aspectos combinados na monocultura do eucalipto, extremamente mecanizada nos moldes em que é praticada na região. Por isso, um número muito reduzido de trabalhadores é suficiente para suprir toda a demanda das centenas de milhares de ha de eucaliptais que abastecem as fábricas. Os salários, para a maioria dos trabalhadores migrantes, são extremamente baixos, não passando muito do valor de um salário mínimo (R\$ 622,00), embora a rotina de trabalho seja intensa e exaustiva. Algumas informações obtidas em diálogos informais com trabalhadores indicam jornadas diárias que se estendem por 15 e até 16 horas, parte significativa desse total referente ao tempo de deslocamento entre local e habitação e local de trabalho.

C. O dos trabalhadores da indústria: compreende aqueles que são empregados no setor industrial propriamente dito, e também alguns poucos responsáveis pelo setor de silvicultura. São funcionários das fábricas no controle da produção, chefes e encarregados nos laboratórios, administradores e demais funcionários do setor administrativo das grandes empresas. Em sua maioria são migrantes, oriundos de diversos estados brasileiros, com predominância para os pertencentes às Regiões Sudeste e Sul. Em sendo trabalhadores qualificados (homens, a maioria) com formação que varia do nível técnico ao superior completo (em alguns casos, com pós-graduação) e experiência previa no trabalho em empresas do setor de celulose e papel em outros lugares, veem os novos projetos como oportunidade de crescimento profissional. O tipo



de movimento migratório de que participam não tem caráter temporário, como nos casos descritos anteriormente, mas permanente; migram para estabelecer residência por período indefinido, e por isso, os que são casados costumam trazer a família toda consigo e iniciar vida nova na cidade. O ato de migrar, para esse tipo específico de sujeito, não é o resultado da pressão exercida por constrangimentos econômicos e sociais (baixo salário e desemprego, por exemplo) impostos na região de origem, e tampouco uma questão de sobrevivência. É, antes de tudo, uma opção tomada com planejamento, cujos objetivos maiores são a ascensão social e a melhoria da qualidade de vida no local de destino. Nesse sentido, há que se considerar que são muito bem vistos pelas empresas, devido à escassez de mão de obra qualificada do setor, e também pelo fato de que, como migrantes qualificados, possuem uma forma de conhecimento que só pode ser transferida através do contato direto: o *conhecimento tácito* (TAVEIRA; GONÇALVES; FREGUGLIA, 2011). Isso explica porque são todos funcionários diretamente vinculados às empresas-mãe, que recebem salários muito mais altos – obviamente variando de acordo com o nível de qualificação e a função – e têm asseguradas certa estabilidade e todas as garantias remanescentes do “proletariado massa” do fordismo (BIHR, 1998). Na percepção do Poder Público e de uma parte considerável da população local, esses migrantes são concebidos não como um problema, mas, ao contrário, como uma oportunidade de negócios e um sinal do advento do desenvolvimento da região.

Constata-se na realidade o que Alves (2008) explicitou em termos teóricos ao afirmar que a *condição de proletariedade*, aplicada a todos os assalariados, permite graus diferenciados de despossessão dos meios e instrumentos de produção. O que para alguns se dá em absoluto, para outros, ocorre em níveis intermediários, restando, pois, alguma posse, seja ela material ou apenas simbólica. Assim, os diferentes níveis de despossessão e as respectivas discrepâncias nas condições de reprodução e de trabalho apontadas entre os grupos de migrantes, revertem-se na falta de unidade identitária, e com isso, na inexistência de laços de solidariedade entre eles.

A explosão das contradições



A intensa fragmentação, desigualdade e precarização do trabalho e de suas condições presente nas obras das maiores fábricas de celulose do mundo, e todas as contradições que ela traz a lume, não tardou a dar mostras da inviabilidade do modelo em que se insere.

Com frequência cada vez maior, vêm à tona os casos de descumprimento da legislação trabalhista e das cláusulas firmadas em acordos e convenções coletivas por parte das empresas subcontratadas. Somente no ano de 2011, foram feitas 362 denúncias de irregularidades ao MPT envolvendo empresas instaladas em Três Lagoas, a maior parte da construção civil, sendo as principais ocorrências baixos salários, não pagamento de verbas e salários e condições precárias dos alojamentos (CORREIO DE TRÊS LAGOAS, 12/01/2012)¹³.

A situação chegou a um limite tal, que, no episódio mais preocupante de que se tem conhecimento, um sindicalista enviou uma carta à Presidência da República denunciando demissões por motivo de manifestação, agressão moral e física, encarceramento de trabalhadores para impedir a realização de assembleias e ameaça de morte por tentativa de fundação de sindicato (CUT, 09/04/2012)¹⁴.

Mas se por um lado, o capital busca de todo modo à redução dos custos com a força de trabalho e a isenção absoluta de toda a qualquer responsabilidade sobre ele, por outro, o trabalho, mesmo fragmentado, precarizado e alienado em níveis crescentes, não se resigna diante das suas ofensivas e parte para o embate. Greves e outros tipos de manifestação passaram a fazer parte do cotidiano da capital da celulose.

Num intervalo de apenas dois anos ocorreram pelo menos seis greves dos trabalhadores nas obras da Eldorado Brasil e na fábrica da Fibria. A primeira se deu em Janeiro de 2011, e teve como causa principal o atraso dos salários. A segunda foi deflagrada no final do mês de abril e se estendeu até o início do mês de maio do mesmo ano, envolvendo cerca de 400 trabalhadores que, na ocasião, chegaram a bloquear a BR 158 no trecho em frente ao Alojamento I (Fazendinha), impedindo a passagem de veículos (JORNAL DO POVO DE TRÊS LAGOAS, 28/04/2011). A terceira teve início três meses depois, em agosto, e esteve entre as maiores greves de que se têm notícia em

¹³ Disponível em: <<http://www.correiodetreslagoas.com.br/noticia.php?id=656>> (acessado em 13/01/2012).

¹⁴ Disponível em: <<http://cut.org.br/destaques/21947/batendo-de-frente-com-a-empresa-voce-esta-pedindo-uma-bala-na-cabeca-quer-morrer>> (acessado em 14/04/2012).



Três Lagoas, abarcando em seu momento de pico cerca de 3.000 trabalhadores (algumas fontes estimaram esse total em até 5.000) (DOURADOS NEWS, 09/08/2011)¹⁵. Entre os motivos estava, novamente, o não pagamento de salários, e ainda, o não pagamento de passagens de trabalhadores vindos de outras regiões do país, o não fornecimento de holerite, valores dos salários abaixo do combinado e descontos indevidos. No final do mês de janeiro de 2012 iniciou-se a quarta paralisação, que resultou em conflito violento com a força policial do qual sete trabalhadores saíram feridos (HOJE MS, 28/01/2012)¹⁶. Em função das denúncias feitas pelos representantes dos trabalhadores ao longo das negociações da greve, a Eldorado foi notificada pelo MPT. Pelos motivos usuais e recorrentes, outra greve ocorreu em abril do mesmo ano, dessa vez envolvendo um contingente ainda maior, estimado em até 8.000 trabalhadores da construção civil e montagem atuantes nas obras da Eldorado Brasil (CUT, 02/04/2012)¹⁷. A sexta e última paralisação anunciada se deu em junho de 2012, durante o período de manutenção dos equipamentos da linha de produção da fábrica da Fibria. Cerca de 80 funcionários de uma terceirizada contratada para efetuar o serviço cruzaram os braços exigindo reajuste salarial e vale-alimentação (HOJE MS, 26/06/2012)¹⁸.

A frequência das greves e o volume quase sempre calculado na casa dos milhares de envolvidos são um termômetro da situação preocupante a que têm sido submetidos os trabalhadores na construção, montagem e manutenção das faraônicas fábricas da capital da celulose. Nesta miscelânea problemática, a atuação dos sindicatos é fundamental, apesar de ser igualmente complicada e repleta de contradições.

Em entrevista com representantes sindicais, observamos que um dos principais problemas é o baixo índice de associação dos trabalhadores ao sindicato, sobretudo, no setor da construção civil e montagem. De acordo com o representante do SINTIESPAV-MS, esta é uma característica do próprio trabalhador-volante, tendo em vista que

¹⁵ Disponível em: <<http://www.douranews.com.br/cidades/item/24413-trabalhadores-de-ind%C3%B3ria-entram-em-greve-em-tr%C3%AAs-lagoas>> (acessado em 28/11/2011).

¹⁶ Disponível em: <<http://www.hojems.com.br/hojems/0,0,00,4437-117669-CONFLITO+NA+ELDORADO+DEIXA+FERIDOS.htm>> (acessado em 31/01/2012).

¹⁷ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508135-operarios-paralisam-construcao-da-maior-fabrica-de-celulose-do-mundo>> (acessado em 05/04/2012).

¹⁸ Disponível em: <<http://www.hojems.com.br/hojems/0,0,00,7424-128568-GREVE+PODE+ATRAPALHAR+PERIODO+PARA+MANUTENCAO+NA+FIBRIA.htm>> (acessado em 29/06/2012).



eles não criam vínculo com o sindicato, então é difícil de você trazê-los pra que se associem ao sindicato. Então o sindicato forte é o sindicato que têm associados, o trabalhador confia no sindicato, vem e se associa. No nosso caso, nós temos essa dificuldade grande, porque, se nós representamos esse [sic] trabalhador volante que quase não fica, então para associá-los nós temos uma dificuldade grande (Informação verbal, 17/10/2011. Transcrição literal).

Mas o baixo índice de associação não está relacionado apenas a curta permanência dos trabalhadores volantes no local. Pode-se afirmar que um dos fatores preponderantes na construção desta realidade é a imagem negativa que eles têm da própria entidade que deveria representá-los, cumprindo, pois, a função de porta-voz das suas reivindicações. Por outro lado, um aspecto saliente nas falas de alguns representantes sindicais é o entendimento de que a atuação sindical deve ser centrada na pacificação de conflitos e na harmonização de interesses, fazendo da obtenção de melhorias significativas nas condições de vida e de trabalho desses homens e mulheres um horizonte muito distante. Uma visão corporativa do sindicalismo, baseada na disputa por associados e por território, levando inclusive a conflitos entre sindicatos, torna-se patente na ação sindical em Três Lagoas e região.

Contudo, a situação encontrada em Três Lagoas não é nenhuma exclusividade local, mas está em consonância com a crise do movimento operário atual e seus rebatimentos específicos no sindicalismo brasileiro. Na origem do problema enfrentado hoje, parece estar uma questão estrutural do sociometabolismo do capital: a “pluralidade do trabalho” em função da “pluralidade de capitais”, fragmentando e enfraquecendo em níveis crescentes o movimento operário atual, como nos explica Mészáros no prefácio à edição brasileira de seu *Para além do capital* (2011). Contribuem para a crise também a própria estrutura sindical, cada vez mais corporativa, que assume um caráter completamente oposto ao que deveria ter, e ainda, a inadequação quase total dessa tradicional estrutura hierárquica e centralizada de poder dos sindicatos, construída nos moldes do fordismo, frente à estrutura descentralizada da produção flexível e suas novas estratégias de controle dos trabalhadores (BERNARDO, 1997).

Mesmo à margem da representação política convencional, os antagonismos e contradições do metabolismo do capital não deixam de explodir convulsivamente. Conforme segue e se intensifica a marcha exploratória da acumulação capitalista em



Três Lagoas, aumenta também o número de manifestações espontâneas de resistência e revolta por parte dos trabalhadores, cujos exemplos mais comuns são paralisações decididas e levadas a cabo por pequenos grupos nos próprios alojamentos, como a que ocorreu nos dias 13 e 14 de dezembro de 2011, no alojamento conhecido por “Bombeiros”, que abriga algo em torno de 400 homens (Informação verbal, 14/12/2011).

Na mais contundente delas, ocorrida na noite de sexta-feira, dia 09 de dezembro de 2011, um grupo de trabalhadores alojados no Alojamento Fazendinha ateou fogo nas acomodações. O motivo: falta de água por dois dias para o banho (G1, 10/12/2011)¹⁹. Sobre o episódio comentou um trabalhador entrevistado:

[...] essa semana mesmo na Fazendinha, [essa semana] que passou, tocaram fogo em tudo lá porque ficaram dois dias sem água, e eu não sei como não apanharam [...] Já pensou, o cara trabalha 8 horas por dia de serviço, você chega no alojamento pra tomar um banho, você vai tomar banho: “cadê a água?” Ai: “pô, que vacilo do cara, o cara tá catinguento, não tomou banho”. Ai no outro dia quando vai trabalhar: “pô”, com a farda (uniforme), volta, não tem água. Ai você vai fazer o que? Vai reivindicar, porque todo mundo [sic], *nós somos seres humanos cara!* (Informação verbal, 14/12/2011. Transcrição literal).

A última afirmação em destaque no trecho transcrito seria completamente descabida e desnecessária se o capital, com suas práticas, não buscasse persistentemente desumanizar (reificar) esses homens em cujo corpo se inscreve tão duramente a mobilidade.

Considerações finais

Tendo como ponto de partida o caso estudado, vemos que mobilidade espacial da força de trabalho não é apenas um efeito da mobilidade do capital, já que assume funções estratégicas na territorialização das grandes corporações de celulose e papel e seus complexos agroindustriais. Em tal situação, pôde-se observar que ela vem acompanhada da intensa precarização, no caso da migração para o trabalho na construção/montagem e plantio/manejo, mas que significa exatamente o contrário no que toca aos migrantes qualificados da indústria. É por meio da mobilidade que a

¹⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/12/sem-agua-funcionarios-colocam-fogo-em-alojamento-diz-policia-em-ms.html>> (acessado em 12/11/2011).



empresa capitalista pode rebaixar os custos com força de trabalho e impor uma disciplina mais intensa e perversa aos corpos dos homens e mulheres que a possuem. Neste processo, a histórica produção desigual e combinada do espaço brasileiro, cristalizada na aguda desigualdade atual entre os diferentes espaços regionais, também participa como um fator crucial na determinação do local de origem dos migrantes.

Pode-se asseverar, portanto, que o suor e o mal-estar cotidiano desses desafortunados seres humanos, ao lado dos recursos naturais, constituem a matéria-prima com a qual o capital constrói o seu “império verde” na nova capital mundial da celulose.

Referências bibliográficas

- ALVES, G. A condição de proletariado na modernidade salarial – por uma analítica existencial do proletariado. **Rev. Pegada** (Ecos da IX Jornada do Trabalho). Vol. 9, n. 2, dezembro de 2008. p. 1-38.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- _____. O sistema de metabolismo social do capital e seu corolário, a alienação, na obra de István Mészáros. In. **István Mészáros e os desafios do tempo histórico**. JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo (Org.). São Paulo: Boitempo, 2011.
- ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.
- BERNARDO, J. Crise dos trabalhadores ou crise do sindicalismo? **Crítica Marxista**. Xamã: São Paulo, nº 04, Mai. 1997. p. 123-139.
- BIAZUS, A.; HORA, A. B. da; LEITE, B. G. P. **Panorama de mercado**: celulose. In: BNDES setorial. nº 32, p. 311-370.
- BIHR, A. **Da grande noite à alternativa**: o movimento operário europeu em crise. São Paulo: Boitempo, 1998.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- FIBRIA. **Relatório de Sustentabilidade 2011**. Disponível em: < <http://www.fibria.com.br/rs2011/pt/>> (acessado em 03/07/2012).
- GAUDEMAR, J-P. de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- GOMES, F. G. **Mobilidade do trabalho e controle social**: trabalho e organizações na era neoliberal. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2009, vol.17, n.32, pp. 33-49.
- JURADO, F. L. S. **O processo de industrialização na cidade de Três Lagoas (MS)**: discursos, desdobramentos e contradições. 2008. Dissertação (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana.
- MARTINS, J. de S. **Não há terra para plantar neste verão**. O cerco das terras indígenas e das terras do trabalho no renascimento político do campo. Vozes: Petrópolis, 1988.



MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MORELLI, L. A. **A Monocultura do Eucalipto e a Monopolização do Território na Metade Sul do Rio Grande Do Sul.** 2011. 209p. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura.** São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

PAKKASVIRTA, J. **Fábricas de celulosa: historias de la globalizacion.** Buenos Aires: La Colmena, 2010.

POMAR, W. Reflexões sobre o desenvolvimento. **Rev. Teoria e debate.** Fundação Perseu Abramo, n. 46. nov/dez. São Paulo, 2006.

REPORTER BRASIL (Org.). **“Deserto Verde”** – Os impactos do cultivo de eucalipto e pinus no Brasil. (Cartilha com distribuição gratuita). 2011.

SANTOS, J. R. dos. **A Constituição do Complexo Agroindustrial de Celulose no Rio Grande do Sul: uma Avaliação da Dinâmica Global e da Inserção Brasileira no Setor.** In: *Anales del XII Encuentro de Geografos de America Latina*, Montevideo, Uruguai, 2009. s/p.

TAVEIRA, J.; GONÇALVES, E.; FREGUGLIA, R. da S. Uma análise da mobilidade de trabalhadores qualificados na indústria de transformação brasileira. **Rev. Econ. Contemp.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 243-270, mai-ago/2011.

TRÊS LAGOAS (Prefeitura Municipal). **Relatório de Atividades 2005-2009.** Três Lagoas, 2009.

VIA CAMPESINA. **O latifúndio dos eucaliptos: informações básicas sobre as monoculturas de árvores e as indústrias de papel.** Rio Grande do Sul, 2006.